

A morte em combate e suas fontes históricas: os recordatórios de militares alemães da Segunda Guerra Mundial (1939-1945)



RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar os recordatórios de militares alemães mortos durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Foi analisada uma coleção particular formada por trinta e seis recordatórios impressos entre 1941 e 1955 por diferentes tipografias na Alemanha e na Áustria. Constatou-se nesse tipo de fonte uma grande riqueza simbólica que ajuda a compreender os rituais e o imaginário em torno da morte em combate entre os alemães, durante a Segunda Guerra Mundial.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial; Morte em Combate; Recordatórios.

* Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ). Atua como Professor Adjunto do curso de História e bolsista no Programa de Mentoria da Universidade da Região de Joinville (Univille). CV: <http://lattes.cnpq.br/1777573369659605>



Death in combat and its historical sources: the death cards of German soldiers of the Second World War (1939-1945)

ABSTRACT

The aim of this article is to analyze the death cards of German soldiers killed during the World War II (1939-1945). A private collection made up of thirty-six death cards printed between 1941 and 1955 by different printers in Germany and Austria was analyzed. It was found in this type of source a great symbolic wealth that helps to understand the rituals and the imaginary around the death in combat among the Germans, during the Second World War.

Keywords: World War II; Death in Combat; Death Cards.

La muerte en combate y sus fuentes históricas: los recordatorios de los soldados alemanes de la Segunda Guerra Mundial (1939-1945)

RESUMEN

El propósito de este artículo es analizar los recordatorios de los soldados alemanes muertos durante la Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Se analizó una colección privada formada por treinta y seis recordatorios impresos entre 1941 y 1955 por diferentes tipografías en Alemania y Austria. En este tipo de fuentes se encontró una gran riqueza simbólica que ayuda a comprender los rituales y el imaginario que rodeaba la muerte en combate entre los alemanes durante la Segunda Guerra Mundial.

Palabras-clave: Segunda Guerra Mundial; muerte en combate; recordatorios.



As guerras e o sagrado acompanham a humanidade há muito tempo. Pelo menos, desde o final da pré-história, onde estão situados os seus vestígios mais antigos. Eles são componentes relevantes da vida humana, na medida que são meios de atribuição de sentidos e significados ao mundo. Contudo, como deixou claro John Keegan (2006), as razões e as formas com as quais o ser humano pratica a guerra variam no tempo e o espaço, sendo algo que vai além da máxima clausewitzana que considera a guerra como a política por outros meios.

A partir do século XX, as guerras ganharam uma dimensão total e englobaram as sociedades com elas envolvidas como um todo. Pois, como constatou Eric Hobsbawm (2002, p. 5): “O século XX foi o mais assassino da história registrada, [...], com poucos e breves períodos sem conflito armado organizado em algum lugar”. Nesse século de guerras, guerrilhas, revoluções e demais formas de conflitos armados, destacam-se as Primeira e Segunda Guerras Mundiais travadas, respectivamente, de 1914 a 1918, entre 1939 e 1945. Juntas, elas causaram “rupturas na experiência dos que participaram ou foram afetados por elas, em uma dimensão que até então havia sido impensável. Marcaram a consciência de todos os contemporâneos” (Koselleck, 2014, p. 247).

A matança durante as guerras mundiais, na maioria das vezes realizada longe de casa e desprovida dos rituais fúnebres adequados, reforçou os laços entre o sagrado e a memória, através do culto aos mortos, dos cemitérios militares, dos memoriais, dos monumentos e de inúmeros outros espaços e objetos de memórias (Koselleck, 2014). Como informa Reinhart Koselleck, a exigência de lembrar os mortos em combate tem origens na Revolução Francesa (1789-1799), sendo adotada, mais tarde, pelas nações que lutaram contra a França napoleônica entre 1799 e 1815.

O ápice desse desenvolvimento foi atingido com a Primeira Guerra Mundial. A partir desta, os monumentos não mais distinguem entre si oficiais, suboficiais e soldados: a igualdade na morte se transforma em símbolo da unidade na ação política (Koselleck, 2014, p. 256, 257).

O objetivo deste artigo é examinar um tipo de objeto, que durante as guerras mundiais na Alemanha, foi um meio de recordar aqueles que morreram em combate pelos seus parentes, amigos e próximos: os recordatórios ou *Sterbebilder* que, em uma tradução literal para o português, significa “imagens da morte”.

Os recordatórios consistem em pequenos cartões de papel impressos com imagens e textos escritos acerca de uma pessoa que faleceu e que são distribuídos pelos seus familiares enlutados durante as exéquias, as missas de sétimo dia, as novenas ou em respostas às correspondências de condolências recebidas (Figura 1). Trata-se de um costume católico que surgiu na Europa, mais precisamente nos Países Baixos, durante o começo da Idade Moderna. Eram denominados *Bidprendtjes* e, inicialmente, eram manuscritos em folhas de papel ou de pergaminho sobre as quais eram registrados o nome do falecido, a data e a hora em que morreu, além de um pedido de oração para a salvação da sua alma. A partir da década de 1670, os *Bidprendtjes* passaram a ser impressos, tendo em vista o fato de que, na época, os



Países Baixos eram um importante centro europeu de artes gráficas decorrentes da invenção da imprensa de tipos móveis (Briggs e Burke, 2016; Lederer, 2022).

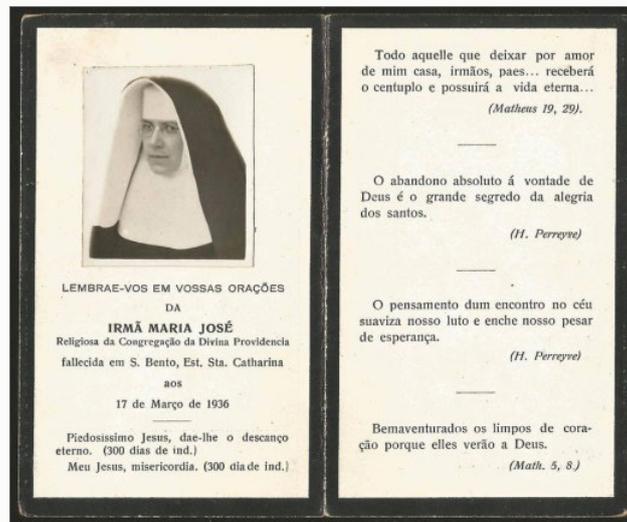


Figura 1. Frente do recordatório da Irmã Maria José.
Fonte: Coleção do autor

Ao longo do tempo, os recordatórios receberam denominações diversas, tais como *Totenzettel*, *Trauerzettel*, *Trauerbilder*, *Sterbezettel*, *Totenbilder* e *Partezettel*. Na península Ibérica, em espanhol, foi denominado *recordatorio*. Já em português, “recordatório”. Alois Lederer (2022) informa que, por volta da década de 30 do século XVIII, os cartões passaram a ser ilustrados com imagens de santos ou de temas devocionais. Com o advento da fotografia, em meados dos oitocentos, completa Lederer (2022), os recordatórios começaram a ser ilustrados com retratos dos falecidos.

Os primeiros recordatórios impressos no território da Alemanha estão situados por volta da década de 1840, na Baviera, um estado com forte tradição católica, cujos locais de peregrinação e adoração, a exemplo da Madona Negra de Altötting, à qual eram atribuídos milagres, serviram de ilustração para as representações iconográficas dos recordatórios (Lederer, 2022).

Interessa para este artigo um tipo específico desses documentos, que consiste nos recordatórios de militares alemães mortos durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), um conflito que segundo Koselleck (2014, p. 250), “foi total em todos os aspectos [...], o que contribuiu para anular a oposição entre as frentes de batalha e os lares, e, com ela, também a diferença entre os papéis sociais dos gêneros, intensificando o sofrimento comum das famílias”. A Segunda Guerra Mundial foi iniciada em 1º de setembro de 1939, quando da invasão alemã à Polônia, sendo encerrada em 2 de setembro de 1945, com a rendição incondicional do Japão, após sofrer dois bombardeamentos atômicos, respectivamente, sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki. Ela foi um conflito militar travado entre duas coalizações de países, os Aliados (Estados Unidos, França, Reino Unido e União Soviética) e o Eixo (Alemanha, Itália e Japão) que, com seus países aliados ou satélites, promoveram campanhas militares em praticamente todos os continentes e oceanos (Oliveira, 2020).

Estima-se que morreram em torno de 55 milhões de pessoas entre 1939 e 1945. Contudo, fala-se em até 80 milhões, sendo a maioria civis. Dos países que protagonizaram a Segunda Guerra Mundial, a então União Soviética foi a que teve o maior número de mortes, com um total estimado de 26-27 milhões de mortos (A Segunda Guerra Mundial..., 2022). Um contingente inédito de recursos militares foi reunido nesse conflito. A maioria dos militares mobilizados que faleceu longe de casa, morrendo nos teatros de operações, a exemplo das forças armadas da Alemanha que lutaram em diversas partes do globo. A morte violenta em combate e distante de casa foi uma realidade. No contexto do sagrado, os recordatórios foram um meio de lidar com essa situação dramática.

De que forma os objetos originalmente concebidos para o sagrado podem contribuir com a compreensão de aspectos ligados à morte e à memória dos militares alemães durante a Segunda Guerra Mundial? Como que os aspectos castrenses e religiosos se combinaram nesses documentos dando sentido e significado à morte em combate?

A impressão e a distribuição de recordatórios de militares no que é hoje a Alemanha foram impulsionadas com as Campanhas de Ferro e Sangue (1866-1871), responsáveis pela unificação dos antigos estados alemães (*Altdeutschland*) e a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). De uma forma geral, nesse país, os conflitos militares citados, devido às suas amplitudes, demandaram novos cuidados com aqueles que morreram em combate. A esse respeito, a Adriane Piovezan (2017, p. 32) explica que no caso da Guerra Franco-Prussiana (1871), “o repatriamento [dos remanescentes humanos dos soldados mortos em combate] foi feito apenas por algumas famílias que podiam financiar tais gastos”.

Nessas circunstâncias, os recordatórios foram um componente importante nos rituais ligados à morte de um ente querido longe de casa e com a possibilidade real de seu corpo não ter tido o destino correto aos olhos da religião que o morto praticava. Segundo Piovezan (2017), a guerra moderna intensificou o processo de mudança nas práticas e nas representações sobre a morte e o luto, na medida que uma pessoa poderia morrer instantaneamente e de tal forma que seu próprio corpo poderia desaparecer. Especialmente, durante as guerras mundiais.

Para este artigo, foi examinada uma coleção de recordatórios composta por trinta e seis cartões pertencentes ao autor. Ela foi reunida através de aquisições isoladas ou de lotes em lojas virtuais nacionais e alemãs que operam através do *e-commerce*, como por exemplo, Ebay, Mercado Livre, MP Militar e Schmidt Antiguidades Militares, motivadas pelo fato do autor ser colecionador de estampas e fotografias militares da Segunda Guerra Mundial. Na Alemanha é comum encontrarmos em paróquias, coleções de recordatórios dos seus paroquianos mortos. Segundo Lederer (2022), essas coleções servem para estudos sobre genealogia ou mesmo na emissão de documentos paroquiais. Fora o âmbito sagrado, os recordatórios são itens colecionáveis comuns em coleções de militar ou de estampas por colecionadores brasileiros e estrangeiros (Antique-Photos, 2015).

É importante informar que não foi possível rastrear as origens desses documentos e seus respectivos percursos da época em que foram impressos até suas aquisições no *e-commerce*. Como acontece com a maioria dos itens colecionáveis comercializados em antiquários, feiras de antiguidades e mercados de pulgas “presenciais” ou “virtuais”, dificilmente



os caminhos percorridos por esses itens são preservados. Muitas vezes, a aquisição no atacado ocorre em liquidações de antigas coleções ou de itens familiares cujas identidades dos antigos proprietários se perderam no tempo e sua manutenção no espaço doméstico consiste em um estorvo para as pessoas que se sentem aliviadas em vendê-los para o comércio de antiguidades e colecionáveis. Assim, as histórias desses objetos se perderam, sobrando apenas o cartão e suas informações escritas e iconográficas impressas.

São justamente essas informações escritas e iconográficas que serão analisadas neste trabalho, cuja metodologia consistiu na descrição, na coleta de metadados, na contextualização e interpretação dos textos escritos e visuais impressos sobre as frentes e os versos dos recordatórios que formam a coleção, através de uma abordagem qualitativa, conforme orientam Minayo e Sanches (1993). A hipótese proposta é a de que os recordatórios de militares alemães mortos durante a Segunda Guerra Mundial desempenharam uma função religiosa e patriótica em um contexto de guerra total que mobilizou completamente os recursos humanos e materiais da Alemanha.

Os recordatórios e suas relações com a morte no contexto do Catolicismo.

Os recordatórios não são apenas uma recordação acerca de uma pessoa falecida distribuída pelos membros do seu núcleo familiar. No contexto do Catolicismo romano, os recordatórios “são um testemunho contra o esquecimento de uma pessoa morta há muitos anos”, afirma Alois Lederer (2022, p. 1). De acordo com esse autor, os recordatórios representavam uma forma de cura da alma, na medida que eram considerados um meio de apoio à alma da pessoa falecida, através dos vivos, que recordavam e oravam pela expiação dos pecados, pela passagem pelo Purgatório e pela salvação da alma do morto.

Para o “homem religioso”, no sentido atribuído por Mircea Eliade (2001), os recordatórios são objetos relacionados ao sagrado, assim como outros objetos, a exemplo da Bíblia ou dos livros de orações. Segundo o costume católico, quando recebidos, os recordatórios devem ser colocados dentro dos livros de orações para que, durante a oração doméstica, eles sejam lembrados pelos vivos, que dedicarão a eles uma oração especial, que contribuirá com a expiação dos pecados, a passagem pelo Purgatório e a salvação da alma (Lederer, 2022).

Na Alemanha, os recordatórios podem ser encontrados em residências que possuem um espaço denominado *Herrgottswinkel*, situado em um dos ângulos de uma sala, onde estão acondicionados objetos devocionais católicos, tais como crucifixos ou imagens de Nossa Senhora, além de exemplares da Bíblia e de livros de orações (Lederer, 2022). Devido às suas origens e aos seus usos e significados, os recordatórios estão diretamente relacionados com o conceito de memória, compreendido neste trabalho como a “propriedade de conservar certas informações, [...] graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (Le Goff, 1996, p. 423) e que envolvem processos psíquicos e socioculturais, além de relações de poder, na medida que:

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que



dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (Le Goff, 1996, p. 426).

A memória é um componente importante nas vidas individuais e coletivas dos sujeitos ao longo do tempo, conforme é possível constatar na discussão de Le Goff (1996) acerca da memória. Contudo, interessa para este trabalho, suas considerações a respeito desse fenômeno no Cristianismo, que segundo o autor, junto com o Judaísmo, são religiões de recordação. No caso específico do Catolicismo, seu magistério é representado como a memória de Cristo transmitida pelos seus apóstolos e sucessores, assim como seu culto é um ritual de comemoração, compreendida como uma forma coletiva de recordação acerca de um passado comum. Para Le Goff (1996), a partir do Medievo, a memória católica passou a ser recordada através de Cristo e, em um nível popular, através do culto aos santos e aos mortos.

As relações entre morte e memória, no entanto, não foram uma criação original do Cristianismo católico. Segundo Le Goff (1996), elas surgiram a partir dos antigos cultos romanos dos antepassados e dos mortos. Conforme o Cristianismo se expandiu e se institucionalizou, as associações entre memória e morte adquiriram forte sentido e significado, difundindo-se como características autenticamente cristãs/católicas.

Desenvolveu-se muito cedo na Igreja o costume das orações pelos mortos. Muito cedo também [...], as igrejas e as comunidades cristãs passaram a ter libri memoriales (chamados a partir do século XVII unicamente necrólogos ou obtuários), nos quais estavam inscritas as pessoas, vivas e, sobretudo, mortas, sendo a maioria benfeitores da comunidade, de quem ela queria guardar memória e por quem rezava. Do mesmo modo, os dípticos de marfim [...] foram cristianizados e serviram a partir daí para a comemoração dos mortos (Le Goff, 1996, p. 447).

Junto com isso:

Muito cedo os nomes dos mortos memoráveis foram introduzidos no Memento do cânon da missa[...]. O nascimento, no fim do século XII, [...] [do] Purgatório [...] intensificou o esforço dos vivos em favor da memória dos mortos (Le Goff, 1996, p. 448).

Portanto, o surgimento dos recordatórios na Europa, durante o início da Idade Moderna está relacionado às formas com as quais a memória e a morte foram ressignificadas pelo Cristianismo / Catolicismo a partir do Medievo. Mas, o que compõe esse tipo de impresso, que se encontra entre as artes gráficas, a religião e a morte em combate?

A composição de um recordatório

Impressos geralmente sobre papéis cartonados, os recordatórios têm, historicamente, um formato retangular, cujas dimensões variam entre 6,5 x 11 e 12 x 9,7 centímetros,



respectivamente, de largura e altura. A impressão é feita sobre a frente e o verso do recordatório. Ele pode ser simples (Figura 2) ou duplo (Figura 3).



Figura 2. Frente do recordatório do Cabo Josef Bleitzhofer.
Fonte: Coleção do autor.



Figura 3. Frente do recordatório do soldado Sebastian Aschl.
Fonte: Coleção do autor.

Geralmente, as bordas desses cartões são pintadas de preto, referência ao luto comum em outros objetos, tais como os envelopes de condolências. Os recordatórios mesclam elementos iconográficos e textos escritos que seguem os modelos oferecidos pelas gráficas responsáveis pela sua impressão, independentemente se a pessoa falecida era civil ou militar. Por sua vez, esses elementos escritos e visuais são coerentes com as culturas visuais e religiosas de sua época e lugar. Na Figura a seguir, foram destacados os elementos que compõem um recordatório:



Figura 4. Elementos escritos e visuais que formam um recordatório.

Fonte: Coleção do autor.

Inicialmente, os recordatórios foram impressos somente com textos escritos e elementos iconográficos de composição simples, como por exemplo, uma cruz. Porém, conforme a tecnologia de impressão de imagens foi se desenvolvendo, especialmente, entre o final do século XIX e o início dos novecentos, fotografias e outras formas de ilustração foram incorporadas aos recordatórios. Em muitos casos, detalhes de obras de arte sacra de artistas europeus célebres foram reproduzidos, a exemplo do verso do recordatório examinado na Figura 4, sobre o qual foi impresso um dos retratos da Virgem Maria pintado artista italiano Carlo Dolci¹, conforme informado no próprio recordatório. Nesse sentido, para além de um objeto religioso, o recordatório também é um testemunho documental os reflexos reprodutibilidade técnica da obra de arte, investigado por Walter Benjamin (2012), segundo o qual, esse fato representa um processo novo, expresso pelo desenvolvimento da litografia e da fotografia durante os oitocentos. Juntas, elas promoveram a produção e a circulação de imagens visuais em massa, ilustrando a vida cotidiana e as acrescentando novos sentidos.

A oferta iconográfica foi a mais ampla entre 1885 até o final da Primeira Guerra Mundial. Havia uma abundância quase incontrolável de representações simbólicas e alegóricas com túmulos, pedras memoráveis, urnas e colunas, além de natureza morta, cruces, ferramentas de sofrimento, âncoras, cálices, corações etc., que levam os mortos ao céu (Lederer, 2022).

Os recordatórios como fontes históricas: o que é possível explorar?

Para este trabalho, foi analisada uma coleção de trinta e seis cartões, pertencente ao autor, formada através de aquisições feitas em lojas físicas e virtuais de artigos militares, a exemplo da MP Militar (http://www.mpmilitaria.com.br), cuja sede está localizada na cidade

¹Carlo Dolci (1616-1686) foi um pintor florentino ligado ao movimento estético do barroco na Europa.

de São Paulo-SP, operada por *e-commerce* (um dos principais meios para aquisição desse tipo de impresso no país).

Metadados

Os cartões foram impressos em quinze impressores diferentes localizados na Alemanha e na Áustria (Tabela 1). A faixa etária dos seus sujeitos está situada entre 18 e 43 anos de idade, a maioria entre 20 e 29 anos de idade (Tabela 2).

Não há recordatórios de oficiais e generais, sendo somente praças e graduados pertencentes à *Heer* (força terrestre) e à *Luftwaffe* (força aérea). No caso dos militares que estavam servindo na força terrestre, a maior parte pertencia à arma da Infantaria (Tabela 3).

Tabela 1. Impressores de recordatórios.

Impressor	Cidade	País
A. Mille & Sohn	Traunstein	Alemanha
Anton Pustet	Tittmoning	Alemanha
Bresenhuber	Antiesenhofen	Áustria
Dorfmeister	Tittling	Alemanha
F. X. Graf	?	?
Gebr. Geiselberger	Altötting	Alemanha
Georg Dambeck	Straubing	Alemanha
H. Oftermann	Waging am See	Alemanha
J. Dötsch	Zwiesel	Alemanha
J. E. Ried	Laufen	Alemanha
J. Schefc	Hemau	Alemanha
J. Würzer	Wangen	Alemanha
Johann Dees	Schärding	Áustria
Josef Nothaft	Deggendorf	Alemanha
Karl Schleich	Neuötting	Alemanha
Ludwig Hueber	Ergoldsbach	Alemanha
Otto Morsak	Grafenau	Alemanha
P. Brandhuber	Vilsbiburg	Alemanha
Präbst-Aigner	Augsburg	Alemanha
R. Heißendorfer	Vöcklabruck	Alemanha
Rosenheimer	?	?
Schröder	Aidenbach	Alemanha
V. A. Baumgartner	Stein	Alemanha
Wilhelm Heider	Miltenberg am Main	Alemanha

Fonte: Coleção do autor.

Tabela 2. Faixa etária dos militares representados nos recordatórios.

Faixa etária	Cartões
18-19 anos de idade	2
20-29 anos de idade	20
30-43 anos de idade	14

Fonte: Coleção do autor.



Tabela 3. Patentes representadas nos recordatórios.

Patente	Quantidade
Soldados (praças)	9
Cabos e Sargentos (graduados)	27

Fonte: Coleção do autor.

A variedade de impressores identificados vai ao encontro de um fato histórico: a Alemanha é o berço da imprensa, desenvolvida por Johannes Gutenberg, na cidade de Mainz, no começo da década de 1440. A tipografia gutenbergniana foi impulsionada no século XVI, com o Protestantismo, que teve na palavra escrita um dos seus meios mais eficazes de expressão. Historicamente, portanto, a Alemanha possuía uma “vocação” para as artes gráficas, expressa pela variedade de impressores identificada na coleção analisada (Costella, 2018; Briggs e Burke, 2016).

Foi constatado o recebimento de diversos prêmios por distinção em combate ou por participação em campanhas militares nos recordatórios analisados, os quais são:

- Cruz de Ferro de 2ª Classe – 9 ocorrências;
- Cruz do Mérito de Guerra com Espadas – 1 ocorrência;
- Distintivo de Assalto de Infantaria – 5 ocorrências;
- Distintivo de Ferido em Combate – 4 ocorrências;
- Medalha Anschluss – 2 ocorrências;
- Medalha de Bons Serviços (Polícia Militar) – 1 ocorrência;
- Medalha da Cruzada Anticomunista – 1 ocorrência.
- Medalha Oriental – 5 ocorrências.

Uma das características dos movimentos e regimes fascistas na Europa, durante a primeira metade do século passado, foi o paramilitarismo, decorrente da experiência da guerra de trincheiras travada na Europa entre 1914 e 1918, segundo afirma Michael Mann (2008). O movimento e o regime nacional-socialista foram altamente paramilitarizados, sendo a cunhagem e a concessão de condecorações uma das suas expressões.

No caso específico das forças armadas, Sönke Neitzel e Harald Welzer (2014, p. 76) explicam que durante o Terceiro Reich, “os soldados e os oficiais deveriam formar uma única comunidade de combate. Todos os soldados estavam, portanto, em condições de receber as mesmas comendas e insígnias honoríficas, não havendo qualquer distinção em função de sua patente”, privilegiando aqueles que estavam nas frentes de combate e seus feitos militares excepcionais e comprovados.

A mais prestigiosa de todas as condecorações militares alemãs da Segunda Guerra Mundial foi a Cruz de Ferro, de origem prussiana e reinstituída por Adolf Hitler no primeiro dia da invasão alemã à Polônia, em 1º de setembro de 1939. Diferente das versões do século XIX e da Primeira Guerra Mundial, a Cruz de Ferro foi recriada em três classes, sendo a última delas e mais importante a Cruz de Cavaleiro, que poderia receber honrarias adicionais, como por exemplo, as folhas de carvalho e espadas (Pia, 1976).

Os condecorados gozavam de altíssimo prestígio – havia certa pressão social, por sinal bastante incentivada, uma crença generalizada segundo a qual somente no front alguém poderia comprovar o verdadeiro valor de seu comportamento. Por isso, muitas vezes, especialmente nos períodos de férias na própria cidade, os soldados ostentavam suas medalhas, a despeito dos regulamentos, para causar boa impressão junto à família e aos amigos ou ao menos não parecer fracassados. Essas honrarias tinham um efeito prático importante, não era à toa que as maiores recompensas estavam previstas justamente para as ações mais perigosas [itálico no original] (Neitzel e Welzer, 2014, p. 79).

Entre os recordatórios examinados, dois pertencem a dois graduados que, no momento de suas respectivas mortes, encontravam-se na condição de prisioneiros de guerra na União Soviética: Cabo Alois Moser, falecido em 18 de agosto de 1946, “in Rußland, im Alter von 34 Jahren” (na Rússia, aos 34 anos de idade, em uma tradução livre para o português); Cabo Josef Krieger, morto em 19 de fevereiro de 1947, “in russischer Kriegsgefangenschaft im 43. Lebensjahr gestorben ist” (morreu em um cativeiro russo aos 43 anos de idade, em uma tradução livre para o português).

Iconografia

Como já foi afirmado no início deste artigo, os primeiros recordatórios não possuíam imagens visuais impressas. A partir da década de 1730, que foi iniciada a impressão de santos e demais temas devocionais sobre os versos dos recordatórios (Lederer, 2022).

As imagens fotográficas foram introduzidas nos recordatórios por volta de 1846, sendo popularizadas a partir de meados da década de 1870. Alois Lederer (2021) informa que, inicialmente, eram fixados sobre os recordatórios retratos recortados nas formas oval e retangular. Mais tarde, com o desenvolvimento das técnicas de impressão de imagens sobre papel, os retratos passaram a ser impressos por clichês. A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) impulsionou a impressão de recordatórios decorados com rica iconografia (Figura 5).

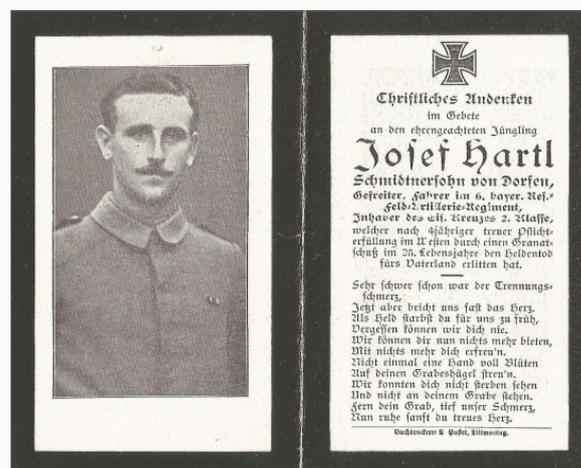


Figura 5. Frente do recordatório do Cabo Josef Hartl.
Fonte: Coleção do autor.

A imagem acima representa a frente do recordatório de Josef Hartl, que serviu como Cabo no 6º Regimento de Artilharia Bávara. Conforme informa o próprio cartão, ele era natural de Dorsten, no oeste da Alemanha, onde hoje está localizada a Renânia do Norte-Vestfália. Seu retrato ocupa uma das faces do recordatório. Ele veste uma túnica de campanha bem alinhada e com destaque para a barreta da Cruz de Ferro de 2ª Classe que recebeu por distinção em combate. Sobre as duas faces que formam o verso do recordatório, imagens devocionais relacionadas à morte: Cristo que jaz morto na Cruz; Cristo que vai ao encontro de um soldado, que após ser ferido mortalmente, encontra-se nos estertores.

O recordatório do Cabo Hartl serve de exemplo para um padrão iconográfico que será reproduzido pelos recordatórios impressos durante a Segunda Guerra Mundial: retratos dos mortos, preferencialmente, vestindo uniformes; imagens de Cristo, de Nossa Senhora ou de temas devocionais; símbolos ligados à morte em combate.

Na coleção que foi analisada para este artigo, foram identificados os seguintes temas:

- *Ecce Homo*;
- *Mater Dolorosa / Pietá*;
- Cruz de bétula (cova de soldado);
- Cristo crucificado;
- Cristo ressuscitado.

A Figura (6) a seguir, representa o verso do recordatório do Cabo Hans Neumaier, natural de Vilsbiburg, Baviera. Ele serviu em um Regimento de Caçadores de Montanha, sendo veterano das campanhas da Áustria, Tchecoslováquia, Polônia, Bélgica, França, Grécia, Creta e União Soviética. Portador da Cruz de Ferro de 2ª Classe e do Distintivo de Assalto de Infantaria, ele morreu em 17 de setembro de 1942, nas proximidades do lago Lagoda, no noroeste da Rússia.



Figura 6. Verso do recordatório do Cabo Hans Neumaier.
Fonte: Coleção do autor.

O recordatório do Cabo Neumaier é duplo, sendo seu verso ilustrado com duas imagens em que aparecem covas rasas de soldados tipo “cruz de bétula”. Bétula é o nome de uma árvore de pequeno ou médio porte típica das zonas temperadas do Hemisfério Norte. Sua casca é

branca-prateada, sendo sua madeira, cortada de forma rústica e sem ser descascada, usada na confecção de cruzes para sepultamentos provisórios de soldados mortos. Os capacetes de aço indicam que ali se encontram os remanescentes humanos de um combatente falecido. Trata-se de um clichê comum em outros recordatórios, que o impressor substituiu somente o nome e das datas de nascimento e morte do militar morto cuja família encomendou a impressão de um lote de recordatórios.

Contudo, mais que um clichê fornecido aos impressores pela empresa HCoM, trata-se de uma representação que, além de fazer parte da cultura visual da época, expressava uma forma real de destino aos mortos em combate, pelo menos, das forças armadas da Alemanha, durante a Segunda Guerra Mundial, conforme sugere a imagem a seguir, em que foi fotografado um conjunto de dez covas rasas tipo “cruz de bétula”. Em quatro desses sepultamentos, é possível ver nitidamente os capacetes de aço, como na Figura 6. Instaladas em um local elevado, as duas primeiras covas que aparecem na fotografia foram feitas de forma caprichosa, que indica importância daqueles que estão nelas enterrados. Por último, um Cabo e outros militares estão a contemplá-las com consternação e respeito (Figura 7).



Figura 7. Covas rasas de militares alemães. *Sine loco, sine die.*
Fonte: Coleção do autor.

As Figuras 6 e 7 são, na óptica deste artigo, significativas para o entendimento de uma mudança que se operou no tratamento dos mortos em combate. Adriane Piovezan (2017, p. 30) explica que, a partir da Primeira Guerra Mundial, paralelamente ao aumento no número de mortos em batalhas, houve o crescimento “da consciência da individualidade de cada soldado”. Logo, prossegue a autora, todo combatente, independente da sua origem social ou patente militar, “deveria ser lembrado” (Piovezan, 2017, p. 30).

Daí a importância da impressão e distribuição de recordatórios e do cuidado com o destino dado aos remanescentes humanos daqueles que morreram em combate, preocupação essa existente até os dias de hoje, através do *Volksbund Deutsche Kriegsgräberfürsorge* (Comissão Alemã de Cemitérios de Guerra, em uma tradução livre para o português), responsável pela manutenção dos cemitérios militares alemães da Segunda Guerra Mundial

e pela alimentação de um banco de dados on-line sobre os mortos das forças armadas da Alemanha durante o conflito².

Ecce Homo, Mater Dolorosa / Pietá e Cristo crucificado / ressuscitado são outros três assuntos identificados nas ilustrações dos recordatórios. As imagens poderiam ser de obras de arte de artistas ocidentais conhecidos, vinculados ao realismo artístico disseminado entre o público que consumia essas imagens, ou de autores anônimos, cujos direitos das imagens que produziram foram cedidos às empresas responsáveis pela confecção e distribuição dos clichês, a exemplo da já mencionada HCoM.

A imagem a seguir (Figura 8) exhibe o verso do recordatório do Cabo Konrad Schweiberer, que serviu em um Regimento de Caçadores de Montanha. Ele morreu aos 22 anos de idade, no dia 10 de outubro de 1942, em um hospital de campanha localizado em algum lugar da Frente Oriental, vagamente denominada no recordatório como "Oster". Nela, é possível ver duas ilustrações de autoria de Ernst Deger (1809-1885), na sua época, um importante representante da Arte Sacra na Escola de Belas-Artes de Düsseldorf.



Figura 8. Verso do recordatório do Cabo Konrad Schweiberer.
Fonte: Coleção do autor.

As imagens de Cristo ou de Nossa Senhora em sofrimento ou redenção impressas sobre os recordatórios reforçam os vínculos de devoção do morto ao universo católico, através da identificação com o sofrimento e a redenção. Expressam a esperança da morte em Cristo e da entrada em Seu reino. Mais que uma ilustração, são a expressão de uma cultura católica fortemente enraizada entre essas pessoas.

Artistas e cultura visual

Uma parte considerável dos recordatórios analisados neste trabalho possui ilustrações, cujos autores são artistas importantes na história das artes no Ocidente. Eles são representantes

² Volksbund (2022). Volksbund Deutsche Kriegsgräberfürsorge. <https://www.volksbund.de/>

de um tipo de tradição artística europeia baseada no realismo, cujas origens estão situadas no Renascimento. Examinados de forma específica, esses artistas e suas obras pertencem a “escolas” de pintura diferentes, que existiram ao longo da Europa ocidental entre os séculos XVI e XIX, a exemplo do Barroco (Gombrich, 2013).

Foram identificados nas ilustrações os trabalhos de oito artistas:

- Albrecht Dürer (1471-1528);
- Carlo Dolci (1616-1686);
- Diego Velázquez (1599-1660);
- Ernst Deger (1809-1885);
- Jan Mostaert (1475-1555);
- Jozef Marie Louis Janssens (1854-1930);
- Pietro Perugino (1446-1523);
- Tilman Riemenschneider (1460-1531).

Cada um deles estava ligado a contextos distintos, a exemplo de Riemenschneider. Nascido na cidade de Heiligenstadt, na Turíngia, em 1460, ele foi um importante representante do Gótico tardio onde hoje é a Alemanha. Riemenschneider ficou famoso por suas esculturas em madeira e metal produzidas para templos e sepultamentos. A imagem a seguir representa o verso do recordatório do Cabo Xaver Donnebauer. Ele nasceu na cidade de Schönanger, Alemanha, em 21 de maio de 1920, e morreu em um hospital de campanha localizado em Gomel, Bielorrússia, em 10 de outubro de 1944. Seu recordatório foi impresso por Otto Morsak, em Grafenau e foi ilustrado com um detalhe do Cristo crucificado que faz parte do *Blutaltar* (ou Altar do Sangue Sagrado, em uma tradução livre para o português), esculpido em madeira para a Igreja de São Jacó (*Jakobskirche*), em Rothenburg ob der Taube (Reliquarian in Altarpiece, 2013).

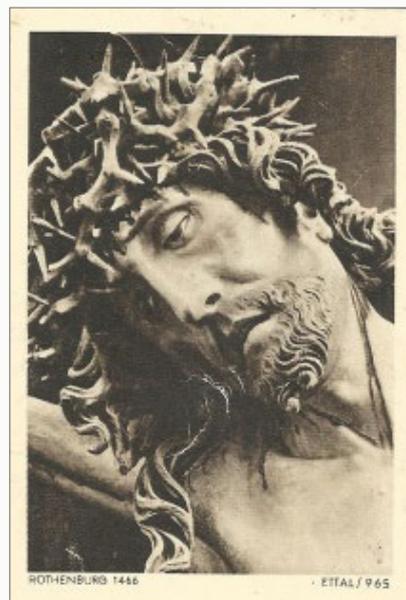


Figura 9. Verso do recordatório do Cabo Xaver Donnerbauer.
Fonte: Coleção do autor.

Abaixo, uma visão geral do Altar do Sangue Sagrado:



Figura 10. O Altar do Sangue Sagrado.
Fonte: Tilman Riemenschneider Heilig Blut³

Na Cristandade Ocidental, especialmente, a partir da segunda metade do século XV, as imagens visuais se tornaram um dos suportes para práticas devocionais. Porém, segundo Peter Burke (2004, p. 64), diferente do culto aos ícones, essas imagens “focalizavam o que tem sido chamado de ‘cena dramática’, destacando um momento numa história sagrada”. Servindo como uma espécie de “narcótico visual”, as imagens devocionais “também tinham um papel importante no consolo aos doentes, aos moribundos e àqueles que estavam para ser executados” (Burke, 2004, p. 64).

O trabalho de Riemenschneider vai ao encontro dessa então “novidade” na iconografia cristã. Ainda em Burke (2004), é importante mencionar que o rosto do Cristo crucificado de Riemenschneider impresso sobre o verso do recordatório do Cabo Donnebauer é também representativo acerca de uma mudança na própria representação visual da Paixão de Cristo operada a partir dos séculos XII e XIII, no ocidente cristão, “em que o Cristo sofredor, atormentado e patético substituiu a imagem tradicional, calma e digna de Cristo Rei nos crucifixos, ‘reinando da árvore onde se encontrava’, como as pessoas costumavam dizer na Idade Média” (Burke, 2004, p. 60).

Impressos nazificados?

Um dos componentes do imaginário nacional-socialista foi uma noção de beleza, que aliada ao conceito de raça, deveria orientar a construção de um mundo novo alicerçado nos

³ Tilman Riemenschneider Heilig Blut Altar (2022). https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Tilman_Riemenschneider_Heilig_Blut_Altar_1.jpg

valores do Nazismo. Em consequência, quando se tornou um regime político na Alemanha, através de Adolf Hitler, houve a imposição à sociedade alemã de um programa estético e artístico nazista (Bortolucce, 2008).

A arte do Nazismo foi realista e burocrática, predominando temas voltados à guerra e à raça, além de um bucolismo idealizado. Ela foi influenciada por uma releitura da Antiguidade Clássica e dos movimentos artísticos dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, tais como o Renascimento, o Barroco e o Romantismo (Bortolucce, 2008).

As ilustrações de parte dos recordatórios analisados estão relacionadas a esse contexto artístico. Contudo, seria forçoso afirmar que eles foram “nazificados”, na medida que esse tipo de arte há muito tempo fazia parte da cultura visual ocidental relacionada à morte. Com o desenvolvimento das técnicas de reprodução físico-química e técnica de imagens, esse patrimônio artístico passou a fazer parte da composição desse tipo de impresso.

Retoques

Os recordatórios também podem ser considerados uma forma de suporte da memória sobre o morto ao qual ele se refere. Em torno da morte de militares durante as guerras mundiais, gravitaram diversas formas de representações de caracteres militar, político e religioso (Koselleck, 2014).

Os elementos escritos e visuais de um recordatório impresso durante a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, deveriam ir ao encontro dos valores militares, políticos e religiosos compartilhado, na época, entre os alemães.

O exame da pequena coleção de recordatórios para este trabalho identificou imagens de mortos que foram retocadas. Alguns retoques foram sutis, como na Figura 11, em que aparece o retrato do soldado Sebastian Aschl, cujo recordatório foi representado na Figura 3. Aschl veste uma túnica denominada *Waffenrock*, comum em retratos de militares alemães tirados antes do início da Segunda Guerra Mundial. Portanto, é certo que a família tenha fornecido ao impressor A. Miller & Sohn um retrato pré-guerra para a composição do recordatório. Um retrato em que o jovem soldado não ostenta barretas, distintivos ou medalhas. Porém, provavelmente, durante o processo de produção do clichê com o qual o retrato foi impresso sobre o recordatório, o impressor fez um retoque sutil em preto, entre os segundo e terceiro botões da túnica que o soldado Aschl veste. Esse retoque lembra a fita de uma Cruz de Ferro de 2ª Classe (assim como de outras medalhas alemãs da Segunda Guerra Mundial) que era presa na botoeira das túnicas, tal como no retrato do soldado Aschl. Contudo, esse retoque expõe um símbolo de luto comum no Ocidente: a fita preta.



Figura 11. Retrato do recordatório do soldado Sebastian Aschl.
Fonte: Coleção do autor.

Retoques foram uma prática comum nos retratos de estúdio de outrora, sendo parte da cultura visual. Geralmente, eles são sutis. Contudo, na imagem (Figura 12) a seguir, foi feito um retoque radical sobre um retrato usado para a segunda versão do recordatório do soldado Emil Zellner.



Figura 12. Frente do recordatório do soldado Emil Zellner.
Fonte: Coleção do autor.

Natural de Ergoldsbach, na Baviera, o soldado Emil Zellner serviu em um Regimento de Caçadores de Montanha. Morreu jovem, aos 18 anos de idade, combatendo na Rússia. O impressor Ludwig Hueber imprimiu duas versões do recordatório do soldado Zellner.

A primeira versão, um recordatório simples, no qual foi impresso um retrato em que Emil Zellner veste trajes civis – costume preto, colete de lã, camisa branca e gravata (Figura 13).



Figura 13. Frente do recordatório do soldado Emil Zellner.
Fonte: Coleção do autor.

Talvez com a intenção de valorizar a curta participação do soldado Zellner na guerra, afinal, ele foi morto aos 18 anos de idade, sua família encomendou outro recordatório, cujo retrato foi completamente retocado, através da aplicação de um desenho representando um uniforme de um caçador de montanha, com destaque para o emblema da flor edelweiss, símbolo das tropas de montanha (*Gebirgsjäger*) da Alemanha e o *bergmütze*, o boné alpino usado por esse tipo de combatente.

Considerações finais

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) legou aos historiadores um rico e incomensurável patrimônio documental formado por materiais escritos e visuais que têm origens diversas e que estão reunidos em arquivos públicos ou privados, em coleções institucionais ou particulares. Por diversas razões, esses documentos sobreviveram ao conflito e à ação do tempo e, como ensina Celso Castro (2008), uma vez considerado relevante, esse patrimônio documental torna-se importante na construção e na manutenção da identidade e das memórias sociais.

Os recordatórios têm uma natureza religiosa, sendo o resultado do desenvolvimento das artes gráficas ao longo do tempo. Contudo, como discutiram autores como Reinhart Koselleck (2014) e Adriane Piovezan (2017), a partir da Primeira Guerra Mundial, a preocupação com a morte em combate por parte dos seus sujeitos ganhou força e se tornou uma preocupação individual, familiar e pública.

A impressão e a distribuição desse tipo de impresso passaram a envolver o imaginário militar e a contemplar os mortos em combate. Com o surgimento da Nova História Militar, os recordatórios se tornaram uma fonte para responder novas indagações formuladas por esse domínio da História, especialmente, através da articulação com problemas e temas relacionados a outros domínios, a exemplo das Histórias da Imprensa e das Religiões.

Ao problematizar e investigar uma pequena coleção de recordatórios de militares alemães mortos durante a Segunda Guerra Mundial, este trabalho procurou explorar os potenciais desse tipo de fonte histórica, relacionada aos universos da guerra, da morte e do sagrado.

Referências Bibliográficas

- Antique-Photos (2015). Antique-Photos. Disponível em: <https://antique-photos.com/en>
- Bauer, U. (2022). A Segunda Guerra Mundial em números. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/a-segunda-guerra-mundial-em-n%C3%BAmeros/a-50212146>
- Benjamin, W. (2012, 8. ed.). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- Bortolucce, V. B. (2008). *A arte nos regimes totalitários do século XX: Rússia e Alemanha*. São Paulo: Annablume; FAPESP.
- Briggs, A & Burke, P. (2016, 3. ed.) *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Burke, P. (2004). *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru: EDUSC.
- Castro, C. (2008, v. 82). *Pesquisando em arquivos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Costella, A. F. (2018, 2. ed.) *Introdução à gravura e à sua história*. Campos do Jordão: Editora Mantiqueira.
- Eliade, M. (1977). *Tratado de História das religiões*. Lisboa; Santos: Cosmos; Martins Fontes.
- Gombrich, E. H. (2013). *A História da Arte: livro de bolso*. Rio de Janeiro: LTC.
- Hobsbawm, E. (2002, 14 de abril). A epidemia da guerra. *Folha de São Paulo*, São Paulo.
- Keegan, J. (2006). *Uma história da guerra*. São Paulo: Companhia de Bolso.
- Koselleck, R. (2014). *Estratos do tempo: estudos sobre história*. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio.
- Lederer, A. (2004, November). Seit 1840 erinnern in Bayern Sterbebilder an die Verstorbenen. In *Labertaler Igeleien. Lesejournal der ArGe Naherholung Mittleres Labertal*. Disponível em: <https://www.wiki-data.de-de.nina.az/Sterbebild.html>
- Le Goff, J. (1996, 4. ed.). *História e memória*. Campinas: Unicamp.
- Mann, M. (2008). *Fascistas*. Rio de Janeiro: Record.
- Minayo, M. C. S.; Sanches, O. (1993, julho a setembro). Quantitativo – qualitativo: oposição ou complementaridade?. *Cadernos de saúde pública*, 9, (3), 239-248.
- Neitzel, S.; Welzer, H. (2014). *Soldados: sobre lutar, matar e morrer*. São Paulo: Companhia das Letras.

Oliveira, D. (2020). *Para entender a Segunda Guerra Mundial: síntese histórica*. Curitiba: Juruá Editora.

Pia, J. *Insígnias nazistas*. (1976, v. 1). Rio de Janeiro: Renes.

Piovezan, A. (2017). *Morrer na guerra: a sociedade diante da morte em combate*. Curitiba: Editora CRV.

Reliquarian in Altarpiece. (2013, Mar). The Altar of the Holy Blood. *Reliquarian: an exploration of saints, their relics and their iconography in art*. <https://reliquarian.com/2013/03/02/the-altar-of-the-holy-blood>

Recebido em: 30 de junho de 2022

Aprovado em: 11 de dezembro de 2022

